

35º Encontro Anual da Anpocs

GT 23 – Novos modelos comparativos: investigações sobre coletivos afro-indígenas.

A Coroação de Reis Congos, Rainhas Congas e a Festa de N. Sra. do Rosário: um estudo etnográfico acerca das mediações elaboradas pelos ternos de congada em suas redes de interação.

Daniel Albergaria Silva

Introdução

A Festa de Nossa Senhora do Rosário realizada por Ternos ou grupos de Congado, que ocorre em algumas cidades do “campo das vertentes”, pertencente à zona da mata, sudeste do estado de Minas Gerais, foi abordada aqui a partir de uma perspectiva etnográfica. O acompanhamento de algumas destas festividades ocorreu para a elaboração de minha dissertação de mestrado intitulada “O Ritual da Congada e o ‘*estar no rosário*’: um estudo etnográfico acerca da festa e das mediações em São João del Rei”, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. Farei uma apresentação inicial deste fenômeno social, a Festa do Rosário e a Coroação de Reis Congos realizada por grupos de congado, passando rapidamente pelo tema das confrarias e irmandades religiosas de leigos em devoção a N. Sra. do Rosário para em seguida me deter nos coletivos que promovem este festejo, anunciando os atores que realizam a festa e como se constituem enquanto Ternos de Congada. Assim, irei me deter em formulações que conduziram a observação etnográfica, refletindo acerca das estratégias utilizadas na pesquisa de campo. Após estas considerações apresento a descrição das práticas rituais efetuadas pelos ternos durante o festejo.

Parte das cidades, distritos e lugarejos onde a festa foi acompanhada, entre os anos de 2007 e 2009, estão situadas ao longo do que se pode denominar recentemente por, “Estrada Real”, roteiro turístico que na última década recebeu incentivos do governo do estado. A cidade de São João del Rei, foco inicial da pesquisa de campo, é reconhecida junto a outras cidades de Minas Gerais como Ouro Preto, Mariana e Serro, em relação ao período colonial de mineração, da utilização do trabalho escravo em tal empreitada, das irmandades religiosas e dos festejos a elas relacionados. Torna-se necessário enfatizar primeiramente, que as classificações efetuadas pelos grupos ou ternos de congado e que servem para denominá-los, evidenciaram formas específicas de apreensão da Festa do Rosário. Tornou-se importante ao abordar o festejo que se desdobra desde o período escravista até os dias atuais, pautadas evidentemente por contextualizações e transformações, levarmos a sério o que os grupos responsáveis pela festa anunciavam durante o evento, suas variações relativas à denominação entre os ternos, suas cantigas, toques musicais, dança, dentre outros objetos

ou símbolos rituais, o que propiciava, de certa maneira, uma comunicação entre os atores deste fenômeno social. Foi preciso considerar então que, para além dos demais grupos de congado, os ternos anunciavam durante momentos rituais do festejo, relações sociais com ancestrais mortos, santos católicos e entidades do panteão africano. Levar a sério estas colocações dos congadeiros possibilitou traçar uma rede de interações constituídas por meio dos mediadores anunciados.

A intenção deste artigo é anunciar que a perspectiva etnográfica possibilitou reflexões, acerca da Festa do Rosário efetuada por ternos de congado, sem a pretensão de utilizar categorias sociológicas tomadas *a priori* para classificar tal fenômeno social. Irei apresentar assim as interações de campo que julguei centrais, pois permitiram a elaboração ou construção do que seria fundamental para, na expressão nativa, “*estar no rosário*” – estar na festa para um grupo de congado.

Durante a Festa do Rosário realizada foram registradas variações e transformações relativas aos ternos de congado, vale ressaltar que existem agrupamentos com nomações e características distintas entre os ternos, todos participando da mesma festividade, pois são considerados congados. Vale destacar, que alguns procedimentos rituais deveriam ser realizados pelos grupos durante o festejo. É neste ponto que irei anunciar como minhas interações de campo constituíram dados que foram centrais para “percorrer o festejo”. A partir de uma controvérsia anunciada pelos congadeiros, em meu primeiro encontro com o grupo que iria a acompanhar durante alguns festejos, é que foi se constituindo o dado a observar. Considerei o espaço do festejo um contexto privilegiado para observação das dinâmicas entre estes coletivos, de suas variações, interações festivas e de seus vínculos com uma espécie de ancestralidade, que remonta tanto ao período escravista, à África, quanto às dinâmicas religiosas e posicionamentos políticos entre os grupos.

Com intuito de apresentar um pequeno panorama histórico do evento da Festa do Rosário e da Coroação de Reis Congos realizadas por agrupamentos de descendentes africanos, assim tratarei de forma muito incipiente o tema das confrarias religiosas. Ciente da quantidade de registros históricos sobre a temática, a intenção do próximo subitem é o de situar o fenômeno sobre o qual foi realizada uma etnografia, e não de recompor ou traçar uma cronologia do mesmo.

Das confrarias e de alguns agrupamentos

Borges (2005) e Souza (2002) oferecem ótimas colocações acerca da associação de escravos africanos às irmandades de leigos durante o século XVIII e XIX, em especial às Irmandades do Rosário.

(...) como essas associações eram meios do grupo instituir formas de solidariedade, principalmente frente à morte e à doença, algumas vezes facilitando a obtenção da liberdade dos que eram escravos. (...) as confrarias funcionavam como sociedades de ajuda mútua, mas também serviam como canais por meio dos quais era possível controlar a vida dos africanos e com eles negociar” (SOUZA, 2002, p.163).

É importante destacar que as irmandades realizavam registros em livros de atas nas Igrejas, contendo nomes dos ingressantes, notas de falecimento, nascimento, dos alforriados, etc. Exercendo uma espécie de ‘controle colonial’. Souza (2002) narra ainda a dimensão que o culto a N. Sra. do Rosário assumiu junto aos viajantes e traficantes de escravos, “(...) o patrocínio de Nossa Senhora do Rosário era invocado pelos devotos brancos em favor dos que iam à África tratar com negros, (...)” (*apud* SOUZA, 2002, p.162).

Junto à existência de culto a outros santos durante as Festas do Rosário que acompanhei em campo, como São Benedito, Sta. Efigênia e N. Sra. Aparecida, o destaque eminente sempre foi para N. Sra. do Rosário. É interessante notar que Souza (2002) evidencia a adesão dos escravos africanos às Irmandades de N. Sra do Rosário, tanto em Portugal como na América portuguesa, na Espanha quanto em diversos locais da América espanhola. A autora apresenta registros históricos de diversos agrupamentos de negros realizando festejos em adoração à N. Sra, do Rosário e à Coroação de seus próprios reis denominados Reis Congos em cada um dos locais para onde foram destinados escravos africanos, sendo registradas formas semelhantes na realização do festejo além de respectivas transformações, “(...), a eleição de reis negros e as celebrações a ela associadas estiveram presentes em quase todos os lugares que receberam escravos africanos.” (SOUZA, 2002, p.167). Estas festas¹

¹ Considero festa aqui enquanto o evento geral que ocorre durante a saudação aos santos e a coroação dos reis congos. A Festa do Rosário ocorre geralmente no dia de domingo, ocasionando diversos momentos com procedimentos rituais variados ao longo da mesma. Nelas, os grupos atualmente participam na oferta de comidas a um ou mais grupos provenientes de outros locais e convidados para seu festejo, geralmente há uma

aglutinavam agrupamentos de escravos ou ex-escravos que, em forma de cortejo, cantavam, tocavam seus instrumentos, dançavam, saudavam os santos católicos e coroavam seus próprios reis.

Muitas das formações de grupo nos dias atuais, os ternos, nações, guardas, etc, constituem uma forma de relação familiar específica entre seus membros, instituindo uma espécie de fraternidade ou confraria ao mesmo tempo em que há relatos da existência de ternos de congada compostos exclusivamente por membros de uma mesma família consangüínea. Atualmente existem especulações se os agrupamentos formados no período da colonização, os ternos de congado, e que se constituem nos dias de hoje com variações a depender da região acompanhada, se estabeleciam em torno das “origens étnicas” dos grupos provindos da África ou se os grupos se constituíam em decorrência das situações instauradas pelo regime escravista. Borges (2005) e Souza (2002) salientam que as etnias eram muitas vezes separadas no território da colônia para evitar possíveis insurreições, o que impossibilitaria a organização, na colônia, de grupos de negros provindos de uma mesma região da África. Sobre este ponto destaco uma passagem de Reis Negros no Brasil Escravista, “A perspectiva aqui adotada privilegia o encontro de diferentes culturas, em determinados contextos sociais, como processo a partir do qual são criadas novas formações culturais” (SOUZA, 2002, p. 166). No entanto, é interessante notar que um nome bem sugestivo de uma variação dos ternos de congado, o Moçambique, nos remete a certa região do continente africano de onde também foram trazidos contingentes populacionais. Em sua tese de doutorado Bittencourt Junior (2006) ao analisar o “Maçambique de Osório”, salienta que a migração forçada realizada no período colonial para o Rio Grande do Sul, local de suas pesquisas, são decorrente daquele país. Traçando o vínculo entre o agrupamento, guarda ou terno, com os africanos provenientes de Moçambique.

A exploração dos engenhos de cana-de-açúcar e posteriormente, das minas de ouro e diamantes, ocorreram em períodos distintos no contexto da colonização portuguesa, o que

possível “*saudação ao mastro*”, “*busca do andor*” de um santo católico, visitação às casas da comunidade, “*Missa Inculturada*” seguida de procissão e a posterior “*retirada do mastro*”, que pode ocorrer no mesmo dia pelo grupo que o levantou, “*fincou*”, ou após sete dias do festejo. O grupo que “*finca o mastro*” comumente é o grupo anfitrião, em locais onde há mais de um grupo pode ocorrer de haver um grupo “*encarregado de mastro*” ou cada grupo um mastro diferente, cada qual contendo a imagem de um santo distinto.

ocasionou momentos diferentes do tráfico de escravos proveniente do continente africano, e assim, “origens distintas” de populações daquele continente a serem escravizadas e enviadas para a colônia portuguesa. Muitas vezes convertidos ao catolicismo antes mesmo do embarque nos “navios negreiros”, os africanos iniciavam uma jornada onde tribos e clãs, além de práticas culturais e dinâmicas de existência, teriam se reconfigurado, organizações sociais modificadas ao mesmo tempo em que constituiriam características específicas frente à nova situação social².

Dentre diversos agrupamentos que realizam o festejo do Rosário e a coroação de reis congos no Brasil, além dos Congados em Minas Gerais³. Existem registros de agrupamentos deste tipo em Cuba, por exemplo, os “*Cabildos*”, grupos de escravos que realizavam saudações a santos e coroavam seus reis congos, as nações de maracatu no estado de Pernambuco, o “*Maracatu de Baque Virado*”. Este estado recebera uma primeira migração de africanos escravizados para trabalharem nos engenhos de cana-de-açúcar. Com a colonização se intensificando em Minas Gerais, outros contingentes populacionais de escravizados africanos foram destinados para a colônia. Relembrando, em ambos os locais, os grupos realizam a Festa de N. Sra. do Rosário e a Coroação de Reis Congos, estes coletivos se compõem em forma de cortejo, onde dançam, entoam cantigas, executam toques de tambores e de outros instrumentos percussivos, fazendo alusão aos ancestrais provenientes do continente africano, coroando seus reis congos, saudando os santos católicos e demarcando as diferenciações entre seus grupos, nações ou clãs. Estes agrupamentos fazem alusão à descendência negra na formação de seus coletivos e para traçar a rede que estabelecem na composição destes coletivos, é necessário considerar o que colocam em questão ou, o que utilizam para mediar suas considerações acerca das formações de grupo e do festejo. É isto que tentarei expor quando apresentado

² O tráfico de escravos para as colônias de Portugal não explica a vinda de todos os povos africanos para o Brasil durante o mesmo período, há registros históricos de famílias de reis africanos que migraram, evidentemente, em escala muito reduzida.

³ Entre eles a Tapuiada no noroeste de Minas Gerais, o Quicumbi em Mostardas, Rio Grande do Sul, alguns maracatus de Pernambuco e até mesmo os *Cabildos* em Cuba, dentre outros. Entre os grupos de congado existem diversas denominações específicas, como o Terno Vilão, o Catopé, o Moçambique, a Marujada, cada qual com características específicas, porém todos são considerados congados.

Os congados

Observar a Festa do Rosário realizada pelos congados envolveu registrar variações e transformações dos grupos no festejo, vale ressaltar que existem agrupamentos com nomações e características distintas entre os ternos participando da mesma festividade, onde todos são considerados congados.

Os ternos se dispõem durante a festa em forma de cortejo, efetuam cantigas, realizam toques musicais através de instrumentos específicos, como o tambor, denominado de “caixa”, comumente feito de couro de boi e em madeira, e realizam certas danças, uma espécie de “evolução”, saudando N. Sra. do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Sebastião, dentre outros santos católicos e percorrendo junto com seus reis congos um trajeto específico. O festejo pode também ter o nome do santo em questão.

Os “tipos de ternos”, subdivisões existentes entre os grupos, variam a nomação e o “estilo” a depender das indumentárias, instrumentos, danças, ritmos, toques e até mesmo das variações relativas aos seus mitos e ritos em relação a Festejo do Rosário⁴. A composição do grupo geralmente é feita por duas filas de congadeiros, com sua bandeira à frente e o capitão do terno atrás desta e entre as filas ou, como no caso do Moçambique, que apresenta uma formação mais circular dos membros logo atrás da “bandeira do terno”.

Os membros dos grupos, geralmente o capitão do terno, costumam fazer referências ao mito de aparição da santa (N. Sra. do Rosário) e da consecutiva busca empreendida pelos negros que a conduziram, cantando, dançando e batendo tambor, de seu local de aparição até o interior de uma capela, que na maioria das vezes, fora construída por estes mesmos negros. É desta forma que oferecem por meio do diálogo este mito, presenciei também uma cantiga realizada por um grupo de Moçambique na porta de uma Igreja durante um festejo que se remetia a este mito de aparição de N. Sra. do Rosário. Nesta cantiga era anunciada que, após a aparição da santa, vários agrupamentos tentarem retirá-la do referido local de sua aparição (que pode ser uma montanha, rocha ou ilha, a depender do local ou grupo), mas que apenas um grupo teria realizado tal empreitada com sucesso. É assim que existem variações no

⁴ Mitos que versam sobre a aparição de N. Sra. do Rosário aos negros provindos da África. Geralmente o ritual é marcado por apresentar também esta narrativa mítica.

recontar deste mito à medida que nos deslocamos no espaço geográfico de Minas Gerais e escutamos ternos distintos em relação a este mito de “aparição da santa aos negros provindos da África”.

Com intuito de identificar algumas denominações entre os grupos, é que exponho minimamente as características de Ternos de Congado acompanhados e peço desculpas por não enfatizar as variações melódicas executadas a partir de uma linguagem musical. Minhas colocações se debruçam sob a forma que alguns congadeiros se referiam aos toques, indicando assim a duração dos intervalos entre as batidas (toques) e a quantidade de batidas de tambor em um espaço de tempo específico.

Os “grupos de Moçambique” geralmente executam “batidas de tambor mais lentas” quando contrastados com demais ternos. Os membros trazem nos pés, pequenas latas amarradas contendo esferas em seu interior, são as “*gungas*”, quando os congadeiros realizam passos específicos, dançando juntamente com seu grupo em cortejo, as passadas ditam a toada e ritmo da melodia proferida pela Guarda de Moçambique. Outro instrumento característico é o “*patangome*”, pode ser feito com duas calotas de carro unidas uma a outra e contendo esferas dentro que, manuseadas de forma específica produzem um som peculiar. O Moçambique é marcado por passadas lentas, sua musicalidade contém “*viradas*” ou repiques específicos no tambor que, confeccionado em couro de boi, segue algumas variações a depender da cantiga executada pelo capitão do grupo.

Outro terno do congado é o Catopé ou Catupês, traz como instrumento, considerado característico do grupo, além dos tambores, o “*reco-reco*”, pedaço de madeira ou bambu mais grosso que, ao se friccionar um bastão no mesmo, os pequenos cortes ou trastes feitos no pedaço de bambu, produzem determinado som. Seus toques de tambor, juntamente à dança e ao cântico, possuem ritmos um pouco mais “*acelerados*” que os do Moçambique. O Terno Vilão tem por instrumento o tambor, o pandeiro, às vezes o reco-reco. A batida executada durante o cortejo deste grupo é “um pouco mais rápida” que a do Catopé. Sua música contém mais “*viradas*” ou mais “*toques dobrados*” do que os toques dos demais grupos que acompanhei. Registrei um Terno Vilão em São Gonçalo do Amarante, também denominado de Caburu, em que o grupo utilizava pequenas saias coloridas sobre a indumentária branca, utilizando também chapéus adornados com diversas flores, também

bastante coloridas. O Terno de Congado, que já os acompanhei também utilizando uma pequena saia colorida por cima da roupa branca, traz como instrumento o tambor, pandeiros, bandolins (em alguns casos) e até mesmo a sanfona. Seu toque musical apresenta “*viradas*” bem características, diferenciando-se dos demais grupos também por sua dança específica.

Longe de tentar definir ou restringir estes grupos e suas denominações através dos instrumentos ou da musicalidade, pois podem variar, utilizo esta caracterização como forma de ilustrar os congados e os congadeiros. A “definição” relativa ao nome ou à categorização destes grupos em diferentes segmentos deve também respeitar o nome que o terno anuncia em sua “*bandeira*” trazida à frente do grupo. É nesta bandeira que está estampada a imagem do santo padroeiro do grupo. A classificação dos congados e de suas variabilidades foi considerada a partir de mecanismos evidenciados para tal fim por parte dos próprios grupos como os toques e melodias, a indumentária, as danças, seus mitos e a composição do cortejo. Além é claro do nome dos grupos bordados em letras coloridas junto à imagem do santo estampado em suas bandeiras.

Nas Festas do Rosário acompanhadas, sempre estiveram presentes mais de um grupo de congado⁵, sendo comum encontrarmos ternos de locais distintos, convidados durante outros festejos, e até mesmo mais de um grupo de um local oferecendo a festa. A escolha de grupos a serem convidados para as festas uns dos outros, descortinavam interesses específicos referentes à interação entre eles neste contexto situacional, o que configurou como um dos dados centrais a serem perseguidos junto aos congadeiros.

Vale ressaltar que o espaço do festejo aparece como local de agregação e trocas recíprocas, de convites, de cânticos, melodias, danças, troca de comida, de *saberes* sobre os utensílios utilizados nos congados uns dos outros, etc. Nestes espaços é preciso seduzir, deslumbrar o parceiro do outro grupo, é preciso atingir os objetivos antes que os outros, provocar contatos e trocas mais importantes (MAUSS, 2003). Reciprocidade, concorrência e rivalidade, nos termos específicos anunciados pelos grupos durante a Festa do Rosário, são

⁵ Com exceção do grupo de Congado de N. Sra. do Rosário do local denominado Rio das Mortes. Neste local o grupo não convida outros ternos para sua festa pois, segundo eles “*onde tem um não cabe dois*”, ao contrario do que se pode acompanhar no junto a outros grupos da mesma região. O tenro de Congado do Rio das Mortes, apresenta características peculiares junto aos demais ternos de congada do entorno, como indumentárias, dança, toques, cantigas e procedimentos rituais durante a festa.

motivos que subjazem a seus atos nos procedimentos efetuados durante estes encontros. O espaço da festa, de trocas e visitas são, sobretudo, dádivas.

No espaço da festa, local de encontro entre ternos variados e de diferentes locais, são anunciadas linguagens comuns, porém jamais únicas, na realização dos procedimentos de saudação a santos católicos, a reis Congos, aos ancestrais e a entidades do panteão afro brasileiro. As dinâmicas de interação entre os ternos são mediadas assim por procedimentos simbólicos efetuados durante o contexto festivo, o que visa também à saudação aos santos (entendidos como entidades do panteão africano, ancestrais e santos católicos) e à comunicação entre seus objetos rituais, como “*o bastão do capitão*”, “*a bandeira do grupo*”, etc. Os laços sociais, entre grupos, santos e objetos, não necessariamente nesta ordem, seriam perpassados por procedimentos simbólicos que deveriam ser manipulados pelos grupos em instantes específicos durante o cortejo realizado na festa. É assim que grupos poderiam ler eventuais sinais proferidos por outro grupo, ‘avaliando’ ou ‘medindo’ a relação dos demais com saberes que envolvem o terno e sua atuação no festejo, traduzindo o que foi apresentado na fala de dos congadeiros, por mais que devemos ter cuidado com esta palavra, “*se um grupo tem ou não fundamento*” (capitão de congada de São João del Rei).

Os decalques e a experiência etnográfica

Registrei em caderno de campo algumas considerações dos congadeiros ao se referirem aos grupos de congada. Estes relatos anunciavam que as congadas seriam uma forma de aglutinar negros escravos para trabalharem em roças distantes, afirmando que, “*ia de congada*” até o local do trabalho (congadeiro do local denominado de Rio das Mortes – MG). É comum também, dizerem que o dia da festa realizada pelos negros representava o único dia de descanso dado pelo patrão durante todo o ano. Neste dia, era realizada a festa em homenagem à padroeira, onde também eram coroados reis, denominados Reis Congos. Em outros locais, os agentes enfatizavam que a congada era uma forma de conseguir dinheiro para alforriar negros, e que cada negro alforriado, ao participar destes grupos, peregrinava por Minas Gerais, procurando locais para o garimpo, de onde retiravam ouro e diamantes, almejando também alforriar outros escravos. Dizem que os negros alforriados

eram na verdade comprados, no caso de hoje, pelos capitães de congada, para fazer parte de suas tropas que, muitas vezes assaltavam tropeiros e tropas reais (tropas da coroa portuguesa).

Estes relatos coletados em diferentes momentos da pesquisa evidenciam, juntamente com cantigas executadas pelos ternos durante o festejo, como a Festa do Rosário, efetuada por grupos de congado, não deve ser considerada apenas a partir de uma perspectiva religiosa, sob pena de se estabelecermos fronteiras que encerraria o fenômeno social em um campo específico de observação. Inúmeras interações ocorrem devido a contextos urbanos e/ou rurais onde se encontram estes festejos, relações entre o financiamento da festa ou grupo e administrações municipais, relações dentro do bairro de uma cidade, entre grupos de um mesmo bairro ou entre bairros distintos, grupos de cidades diferentes realizando festejos e convidando ternos de outras localidades a participarem de suas festas⁶, e ainda, interações entre “religiosidade-afro” e igreja católica, entre “órgãos de cultura” (ONGs, IPHAN, etc) e o festejo.

É bastante comum entre os grupos que acompanhei o vínculo de pais-de-santo e filhos de santo do candomblé com os ternos. No momento da “*Missa Inculturada*” ou “*Missa Conga*”, que ocorre no dia de domingo, no final da Festa do Rosário, o padre que celebra a missa divide um palanque montado à porta da igreja, já que na grande maioria das vezes estas missas são campais⁷, com a presença de líderes comunitários, festeiros, pais de santo e Reis Congos. As festas, geralmente movimentam bairros tidos por periféricos na cidade de São João del Rei, englobando diversos agentes sociais no auxílio à mesma, pessoas ligadas ao comércio, o padre da paróquia ou de paróquia distante, moradores locais que se tornam “*festeiros*”, que doam lanches e almoço para os grupos de congado da cidade e/ou região, convidados para o evento, além é claro, da participação dos membros dos ternos de congado e de eventuais candidatos políticos em período eleitoral. Além do festejo religioso são perceptíveis certos vínculos políticos ocasionados durante estes momentos.

⁶ Participando na oferta de comidas a um ou mais grupos convidados, a possível *saudação ao mastro*, *busca do andor* de m santo católico, *visitação às casas da comunidade*, *Missa Inculturada* *procissão e retirada do mastro*.

⁷ Seja por desentendimento da paróquia local com os organizadores da festa, e nesse caso se contrata um padre para realizar a missa. Ocorre também da Igreja ser pequena a ponto de não acomodar as pessoas, entre elas grupos de congado e fiéis, que acompanham a procissão ocorrida antes da missa, assim, monta-se um palanque em frente à igreja local e lá realizam a “*Missa Conga*” ou “*Missa Inculturada*”.

Sejam vínculos que anunciam formas de interação política entre os ternos ou o que convencionalmente entendemos por política partidária e campanha eleitoral. Anuncio então outra dimensão existente neste fenômeno social à qual não podemos restringi-lo.

Os campos de análise acima anunciados, que não pretendo assumir para abordar o festejo, se confluem em meio às interações deste fenômeno social, assim, antes de tentar descrever as associações que os agentes deste evento constroem, tentarei oferecer um panorama acerca de quem são estes atores, utilizando-me ainda de algumas categorias sociológicas comumente conhecidas. Não pretendo tomá-las como ponto de partida para análise, mas apenas evidenciar a impossibilidade de estabilização *a priori*, das controvérsias apresentadas quando se acompanha o evento supracitado.

Em sua grande maioria, os congadeiros são trabalhadores rurais e pessoas com empregos temporários ou empregados por um patrão em algum serviço, geralmente para trabalhos braçais (que exigem grande esforço físico). Em algumas regiões rurais onde acompanhei o festejo, é nítido que o fenômeno é em sua grande maioria executado por negros, mas não exclusivamente. Em outros locais, em espaços um pouco mais urbanos⁸, a presença de negros também é preponderante, porém qualquer vinculação à categoria raça torna-se de antemão um pouco precipitada. Algo que talvez contribua para delimitar a posição social destes congadeiros, porém não é este o intuito aqui, seriam as ocupações ou alocação no mercado de trabalho. Longe de pretender retirar a ênfase do congado como herança africana, realizada pelos negros de hoje, venho destacar outra dimensão freqüentemente acompanhada⁹, a dimensão de um tipo de ocupação no mercado de trabalho que pode estar associada ao festejo, porém, dimensão não exclusiva, uma vez que pessoas de setores distintos da população poderiam participar do evento. Brandão (1985), em “A festa do Santo Preto”, possibilita-nos uma boa visualização das relações entre congadeiros e suas alocações de empregos e serviços. Acredito que as considerações do autor se aproximam muito das presenciadas nas festas que acompanhei, ele ainda destaca na obra,

⁸ A maior cidade onde acompanhei os grupos de congada foi São João del Rei, que apresenta cerca de 90 mil habitantes

⁹ E que certamente apresenta estreitas relações com a já anunciada “dimensão de herança escrava”.

um quadro onde estariam alocados os congadeiros no que se refere ao vínculo empregatício.¹⁰

O festejo, considerado muitas vezes como folguedo da cultura popular, folclore, religiosidade afro, dentre outros possíveis rótulos, perpassa certos vínculos institucionais e delimitações categóricas, dentre eles, relações familiares, religiosidade, vínculos empregatícios, noções de classe, comunidades rurais ou urbanas, enfim, categorias sociológicas que podem remeter também a uma polarização entre tradição e modernidade. Em torno destas, seria possível demarcar a festa e seus membros, no entanto, a pergunta que pode ser mais proveitosa é se estes agentes, os congadeiros, constituem um campo de interação, e ainda, o que está em jogo para eles quando se referem ao Congado e à Festa do Rosário. Sem pretender abandonar estas noções, a sugestão é tentar não tomá-las como *a priori* ao fenômeno estudado.

Para efetivar a experiência etnográfica entre os grupos de congado, pretendi acompanhar o que os participantes mobilizavam nos momentos festivos, focando no que pertence à esfera de ação dos agentes neste contexto situacional (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). A partir desta consideração aspirei apresentar possibilidades de abordar o fenômeno social sem conferir a ele conceitos pensados de antemão, e tomar os dados da interação etnográfica como material primordial para reflexão e possibilidade de construção de teorias etnográficas (GOLDMAN, 2006). A perspectiva etnográfica permitiu focar a observação no que os congadeiros anunciavam no momento da festa, ou seja, como organizavam e, em torno de que, estabeleciam suas associações. Assim, a pesquisa de campo foi conduzida a partir das interações que os congadeiros anunciavam como relevantes na consideração acerca da Festa do Rosário durante os momentos de campo, não almejei identificar categorias sociológicas no fenômeno observado, tais como religiosidade negra, etnia, identidade, ou outro decalque que se poderia colar ao fenômeno e nos impedir de perseguir o que os atores ofereciam em suas associações na construção de um social (LATOIR, 2006).

A partir da proposta de trazer as experiências etnográficas para dialogar em mesmo grau epistemológico das formulações teóricas proferidas pela “filosofia ocidental”

¹⁰ Sobre o quadro acima referido, ver BRANDÃO, 1985. p.54.

(VIVEIROS DE CASTRO, 2002), foi enfatizada a preocupação, já visualizada por Louis Dumont (1985), de não estendermos universalismos inerentes a nossas formulações teóricas a outros contingentes populacionais. A elaboração de algumas formas classificação (DURKHEIM, É. & MAUSS, M., 1981), a elaboração de conceitos (DELEUZE & GUATARRI, 1992) ou a estabilização das controvérsias (LATOURE, 2006), mesmo que momentâneas ou frouxas, como nos recorda Bateson (1998), devem ser a meu ver, o objetivo de uma abordagem. Classificações construídas em meio à experiência etnográfica, e não algo dado antes mesmo de acompanhar os agentes em sua constituição de um social e dos meios que possam utilizar para tal.

É assim que, através das construções respaldadas pela experiência etnográfica junto aos ternos de congado, foram priorizadas relações que se descortinaram em campo. Perseguir os agentes no contexto da festa permitiu traçar ou constituir uma rede de interação festiva entre grupos de congado de localidades distintas, entre seus objetos e santos. O que era anunciado através da manipulação de símbolos rituais em momentos específicos do festejo. As associações construídas e apresentadas pelos congadeiros durante os contextos festivos, tomados enquanto dado relacional, foram centrais para perseguir e descrever algumas controvérsias. No subitem a seguir irei explorar este ponto segundo a proposta de Latour em “Changer de Sociétés” (2006).

Como perseguir um social fluido?

No livro “Changer de sociétés. Refraire de la sociologie”, Bruno Latour tece algumas críticas aos postulados das ciências humanas, pretendendo demonstrar como as categorias utilizadas por ela tendem a introjetar nos objetos a serem analisados suas próprias premissas de construção. Evidencia assim, que categorias elaboradas e pensadas a partir de outros contextos não poderiam ser tomadas para comprovar a si mesmas por meio de outros locais a serem estudados. Dentre os desenvolvimentos do livro tentarei anunciar de forma sumária os procedimentos que, segundo o autor, seriam necessários para a elaboração de uma “*sociologie des associations*” em oposição a uma “*sociologie du social*”(LATOURE, 2006).

Tais considerações foram centrais para abordar os festejos realizados pelos grupos de congado e tentarei aqui mapear este vínculo.

Na obra, Latour almeja elaborar o que seria uma sociologia das associações, esta trataria de um “social” que não pretende colar-se aos fenômenos sociais, tampando-os, encobrando-os, mas antes, que “o social” seria um *ajuntamento* de numerosos tipos de conectores que compõem o social. O que ele quer dizer com isso? Que a sociologia proposta em seu livro pretende construir um social seguindo as associações oferecidas pelos atores. Assim o social não mais designaria uma coisa por meio de outras, mas antes, um tipo de conexão entre coisas, realizadas pelos próprios agentes do fenômeno, que não são por elas mesmas sociais (LATOURE, 2006), por exemplo, objetos, seres, cores, etc. É desta forma que as categorias não poderiam ser tomadas enquanto noções *a priori* que explicam os fenômenos sociais. Para o fenômeno aqui proposto, poderíamos colar ao mesmo os seguintes decalques, etnia, comunidade, folclore, cultura popular, religiosidade popular, etc. Elas não devem ser o ponto de partida de uma análise social, pois é necessário perfazer como chegaram a se constituir enquanto possibilidade explicativa, e ainda, se estas conseguem demonstrar ou abordar os fenômenos sociais que pretendem abarcar (LATOURE, 2006).

O autor enfatiza que o social geralmente é bem mais amplo do que os termos que o designam, que não poderia ser definido e delimitado de maneira específica, mas apenas a partir do movimento particular de *reassociações* e *reajuntamentos* constantes. Por isto irá anunciar que a constituição de redes se fazem em meio ao processo de descrição dos eventos, elas seriam elaboradas no processo mesmo de descrição e não algo a ser identificado pela descrição. A sociologia das associações preza assim por perseguir as associações anunciadas pelos atores que realizam os fenômenos sociais. O cientista faria o empreendimento de estabilizar as conexões entre questões locais, anunciadas pelos atores, e questões globais que sabemos abarcar o elemento dado de forma abrangente. Com isso, nenhuma ‘força social’ ou estrutura, ofereceria à sociologia proposta a explicação dos fenômenos sociais, e os atores, agora tomados como protagonistas, não se inscreveriam mais enquanto meros informantes de contextos sociais, mas sim agentes de um social. O que propicia um paralelo com as sugestões apresentadas por Viveiros de Castro (2002) sobre levar os nativos a sério.

O social não seria então constituído por laços sociais, mas antes, as associações é que fariam os laços que não podem ser sociais por eles mesmos. O social não mais necessita ser uma categoria de coisas visíveis, mas ajuntamentos e conexões de elementos variados, não sociais por si mesmos, mas estabelecidas enquanto tal pelos atores. Alertando também para uma heterogeneidade de ingredientes que poderiam compor estes laços. É assim que numerosas formas de se realizarem agrupamentos e reagrupamentos que constituam um social poderiam ocorrer, os meios para esta produção seriam os mediadores e os intermediários.

É interessante seguirmos algumas etapas propostas no livro para abordarmos as controvérsias em relação aos fenômenos sociais. Os graus de incerteza seriam para Latour mais fecundos e objetivos do que os pontos de partida absolutos, sugerindo então abandonar a categoria sociedade – ou outra – e nutrirmos das controvérsias para a elaboração de um social um pouco mais frouxo, baseando-se para isso na interação com os atores, quando os consideramos como tal e não enquanto meros intermediários ou informantes. Temos assim cinco fontes de incertezas acerca do social, junto a estas o autor propõem três passos para ser possível traçar novamente as associações e promover um “reajuntamento” do social (*réassembler le social*), já que este seria constantemente elaborado pelos atores em seus fluxos de ação.

A primeira fonte de incerteza é que não existem grupos apenas grupos em formação, reagrupamentos contínuos. Os grupos estariam constantemente em formação, não existindo por eles mesmos, mas nas relações pelas quais se constituem. Para pensar os ternos de congado esta proposta nos parece muito convincente, já que além de denominações variadas e de grupos com mesmas denominações serem essencialmente diversos, não se restringindo muitas das vezes as suas próprias tipologias, outros grupos se separam, originando outros ou ainda grupos se reúnem formando apenas um. A troca de membros dos ternos, de congadeiros, às vezes ocorre, assim como a saída de um congadeiro para fundar “seu próprio grupo”, tornando-se então o capitão deste. Além disso, existe o fato de muitos grupos se denominarem congados ou moçambiques e não apresentarem certos elementos que podem, à primeira vista, serem tidos como característico de um Moçambique, por exemplo.

A segunda incerteza é que a ação não pode ser colocada *a priori*, derivando de um social, os atores teriam capacidade de agir, é assim que existem longos canais de mediação através de objetos de toda natureza, não só os sujeitos seriam *actantes*, mas também os não humanos, existindo ações onde se reúnem diferentes tipos de força. Esta seria já é a terceira fonte de incerteza, não só os humanos compõem laços sociais. Assim, inferir sobre a capacidade de agencia dos objetos (obviamente, se utilizado pelos atores para compor um social) é importante para pensar sobre esta fonte de incerteza. É assim que os instrumentos do grupo, o bastão do capitão, a indumentária do grupo, a bandeira, são por vezes “preparados” com banhos de certas plantas (outros utensílios como os rosários e guias também o são). Estes objetos são utilizados no festejo tanto para se comunicar com os santos, juntamente às cantigas e toques específicos (realizado por meio de alguns destes objetos) e ao o fazerem, podem demonstrar seu “*fundamento*”, ou saber sobre o festejo para demais grupos que por ventura o assista ou esteja em contato direto com o grupo durante momento do festejo. Estes são alguns dos meios pelos quais os congadeiros podem agir na realização da festa, utilizando instrumentos simbólicos rituais como forma de mediação de suas interações no festejo.

A quarta incerteza ficaria a cargo de como descrever as controvérsias, como constituí-las, haja vista ser possível fracassar em tal empreitada. O hábito de se visitar os locais onde é construído o social apresenta assim a vantagem de oferecer um ponto de vista a partir do qual é possível observar diretamente as conexões entre os humanos e não-humanos (LATOUR, 2006). A importância assim estaria na conscientização de que as associações são elaboradas, construídas por meio de ferramentas, de técnicas, e assim, sujeitas a falhas. O que salienta o caráter ficcional e temporário destas associações, construções, que não necessitam ser denominadas apenas por “o social”, por uma unidade. Retornamos mais uma vez à elaboração de categorias, da estabilização de multiplicidades de interações que nunca param de passar, nunca param de ocorrer. Sendo assim como acompanhar o dado a ser perseguido pelo observador?

A quinta e última fonte de incerteza anuncia que a própria investigação é que descrevem os fatos a acompanhar, o dado de campo a ser perseguido se constitui por meio das interações ali estabelecidas. De outro modo, ao perseguir as controvérsias e que a rede é

criada para dar conta das mesmas. Vemos então que a rede não é o que tem que ser descrito, não é uma substância em si mesma, mas o que descreve, ela se constitui dos rastros deixados pelos atores quando de seus movimentos, é uma lista de associações, uma entidade em constante circulação (LATOUR, 2006). Existe então a necessidade de escrever os canais de mediação que os atores utilizam para o fato do social ser considerado enquanto composto de laços que se constituem de formas específicas e não de substâncias, de entidades *a priori*.

Em relação à etnografia é interessante frisar que o reajuntamento poderia ocorrer em consonância com o observador, junto à interação de campo e ao dado relacional quando do encontro etnográfico, o que conduziria à elaboração de formas de classificação específicas a depender do evento acompanhado e das conexões estabelecidas pelos atores e pelos atores e o observador. O dado de campo a observar, a perseguir, se apresentaria e se constituiria então, por meio das interações etnográficas. Neste momento podemos nos remeter a Roy Wagner (2010), para o qual o papel do antropólogo é o de inventor de uma cultura por meio de outra. É assim que tentarei demonstrar o que se poderia entender pela noção “*estar no rosário*”. Uma espécie de ajuntamento do dado relacional que foi perseguido, em outras palavras, um experimento etnográfico.

Anunciarei a seguir como interações de campo constituíram dados centrais para se “percorrer o festejo”, e que a partir de uma controvérsia anunciada pelos próprios agentes do evento, os congadeiros, em meu primeiro encontro com o grupo que acompanhei, é que constituí o dado a observar. Desejo evidenciar como definições dos congadeiros relativas aos grupos, à festa e aos “outros”, humanos e não-humanos, que também estavam envolvidos no festejo, começaram a ser apresentadas a mim. Assim, irei focar as primeiras relações de campo com estes agentes e de como persequi as associações que me foram oferecidas, demonstrando, através das conexões estabelecidas por eles, como elaboravam e constituíam um social (LATOUR, 2006). Para isso, tive que levar a sério as considerações dos congadeiros acerca do que fazia parte para eles, da elaboração de um mundo social.

No campo, as interações ou o dado relacional

O primeiro festejo que presenciei juntamente com o terno que “segui durante o campo”, “Terno de Moçambique e Catupe do bairro São Dimas” da cidade de São João del rei, definiu de certa maneira por onde iniciaria minhas observações. Chegando de ônibus no local denominado Trindade, o grupo iniciou uma formação, com os seus vinte congadeiros mais ou menos, iniciaram um cortejo, executando cantigas e toques de tambor, até a entrada da casa que iria recebê-los para o almoço. Entregaram a *bandeira* do grupo, onde estava impressa em uma a imagem de N. Sra. do Rosário e na outra, a imagem de São Benedito, para o dono da casa que, após recebê-las e escutar algumas cantigas pronunciadas pelo capitão e repetidas em coro pelo grupo, convidou-os para entrar, devolvendo as bandeiras às “*bandeireira do terno*”¹¹. No intervalo em que o grupo parou de tocar e acomodaram-se para receber o almoço, ofertado pelo dono da residência, alguns congadeiros, já instalados no quintal da residência, me perguntavam se eu fazia parte “*do grupo do maracatu*”. Foi assim que o capitão do grupo, único com o qual eu já havia conversado anteriormente, enfatizou para os mesmos que eu era da universidade de Juiz de Fora e pretendia acompanhar o grupo deles: “*é pra ele tentar aprender um pouco sobre congado pra poder realizar uma pesquisa*” (capitão de Congado). Foi neste momento que travei as primeiras conversas com membros deste terno que, imediatamente, me informaram sobre festas de congado na região que eu deveria acompanhar caso quisesse saber algo sobre o congado. Neste ambiente é que o capitão iniciou suas colocações sobre “o grupo do maracatu” e sobre o grupo de congado, criando um importante cenário dentro do qual iniciei minha compreensão sobre o festejo.

Narro rapidamente o panorama em torno do “*grupo de percussão de maracatu*”¹². É importante salientar que este grupo constituído em SJDR a partir de oficinas de percussão, tinha por intuito ensinar toques do maracatu para seus membros, na maioria estudantes universitários e professores, no entanto, começaram a participar em forma de cortejo de algumas Festas do Rosário organizadas por Ternos de Congado na supracitada cidade. Com

¹¹ “*Bandeireira(o)*” é quem carrega a bandeira de um terno durante o cortejo.

¹² Grupo denominado desta forma, pois segundo o capitão do congado, era constituído em oficinas de percussão que ensinavam o toque desta manifestação de Pernambuco, o maracatu. Alguns membros deste grupo também se denominavam “grupos de percussão de maracatu”.

tambores adquiridos de Recife, as *alfaias*, feitas de tronco de árvore e couro de boi, com demais instrumentos do maracatu como *agbes* (cabaça com formato específico, trançada com sementes ou miçangas), *gonguês* e *ganzás*, o grupo produzia sua musicalidade efetuando os denominados “*baques de maracatu*”. Estes toques foram trabalhados e transmitidos pelo coordenador da oficina que, por sua vez, teria aprendido “*os baques*” também em oficinas de maracatu/percussão no estado de Pernambuco. Posteriormente, este mesmo grupo se separou, dando origem a outro “*grupo percussivo de maracatu*” que continuou a freqüentar as festas do Rosário de SJDR e região. O grupo inicial se restringiu às oficinas, não mais atuando nas festividades após a fragmentação.

Dentre este cenário é que certas considerações iniciais dos congadeiros sobre a Festa do Rosário foram narradas. Logo de início, o capitão enfatizou que o terno do qual fazia parte estaria realizando a festa em Trindade “*sem receber um centavo*”, não estavam indo “*dar show*”, mas estavam ali por causa do Rosário, “*estavam no rosário*”, segundo ele isso era importante, e não se havia alguém assistindo. Enfatizou ainda que “o grupo de percussão de maracatu” havia começado a tocar e a sair em cortejo em algumas Festas do Rosário da cidade, sendo, muitas vezes a “*atração principal*” no dia da festa, segundo ele, o grupo queria ser um dos últimos a tocar durante o festejo, e que, ao chegarem “*já vão tocando*”, às vezes almoçavam durante o festejo com os congadeiros e em seguida, iam embora, “*não é a toa que eles racharo, não agradece nem as festeira nem nada*”¹³. (Capitão de Congado).

Durante o festejo do Rosário existem momentos bem demarcados pelos congadeiros como, chegada de um terno a um referido local, saudação àqueles que o convidara, “*saudação aos mastros*” dos santos¹⁴ referentes à festa, “*entrada na igreja*”, “*saudação a um cruzeiro*” próximo, solicitação, através de cantigas, para um almoço ou lanche, despedida para se retirar do local onde fora ofertado o almoço, “*busca do andor*” de algum santo católico, participação na “*Missa Conga*”, acompanhamento da procissão realizada com o andor do santo, com o padre que teria celebrado a missa, o Rei Congo, os demais grupos de

¹³ “Festeiras (os)” são pessoas responsáveis por organizarem uma festa que receberá os congados. Existe uma cantiga que normalmente este grupo executava: “*ôh festeira / ôh festeira / ôh festeira sua festa é de primeira*”.

¹⁴ São Benedito, N. Sra. do Rosário, Santa Efigênia, geralmente possuem suas imagens estampadas em quadros que são dispostos no alto de mastros, levantados por um terno, durante os dias festivos. Permanecem em frente a igreja e todos os grupos ao chegarem, saúdam os mastros, encostam suas bandeiras em cada um e realizam cantigas específicas ao “santo do mastro”.

congado e população local. Junto a estes momentos poderia haver também um “*encontro entre bandeiras*”, quando dois ternos se encontram e saúdam as bandeiras uns dos outros. Estes momentos anunciam de forma geral, o que ocorreria em um dia principal de Festa do Rosário, geralmente no domingo. Em todos estes momentos/situações há a manipulação de objetos como “*o bastão de capitão*”¹⁵ ou a “*bandeira do grupo*”, existindo também cantigas, danças ou passos específicos que podem ser realizados pelos ternos, onde muitas vezes, vários grupos executam seus procedimentos ao mesmo tempo.

Estes momentos anunciam, de forma geral o que ocorre em um dia principal de Festa do Rosário, geralmente no domingo. Em todos estes momentos/situações existem cantigas e procedimentos a serem efetuados pelos ternos de congado, danças ou passos que podem ser realizados pelo grupo, demarcando e fazendo alusões a estes momentos, onde muitas vezes, vários grupos executam seus procedimentos ao mesmo tempo.

Através de ênfases do capitão, se referindo ao que os grupos de maracatu não faziam nas festas, é que o mesmo começou a me informar o que um grupo de congada deveria fazer durante uma festividade, salientando a importância de se perceber as “posições” e procedimentos de um terno em alguns dos momentos demarcados acima, podendo assim, inferir qual grupo “*teria fundamento*” para participar do festejo.

“As vezes aquele grupo ali ó, com coroa de papel, de pé no chão, (descalços) bem humilde mesmo, é que tem força. Num precisa ter aquele monte de fita colorida, aquelas caixa grande fazendo aquele barulhão pra ter força não?! (alusão ao grupo de maracatu que também tocara durante o festejo e fora bastante aplaudido em frente a Igreja do local) A gente num pode disfarzê de ninguém, tem vez que aquele grupo com poucas pessoas, a cantiga ali baixinha, mas sê vai ver tem um fundamento...” (Capitão de Congado)

Outro momento que foi possível perceber as interações entre os ternos, já no final de outra festa acompanhada, foi após a procissão, realizada por sua vez após a “*Missa Conga*”,

¹⁵ “*Bastão de capitão*” são bengalas de madeira que podem conter figuras antropomórficas talhadas na extremidade do mesmo. Existem também bastões em cores variadas, o capitão o leva junto de si e, por vezes, assim como a bandeira, ele é encostado nos mastros no momento de uma saudação e em altares dentro da igreja. É com o bastão em mãos que o capitão faz referência aos toques e cantigas a serem executados por seu terno ou o momento de cessar a mesma, realizando apenas um movimento com o bastão. É comum um capitão possuir mais de um bastão.

quando os ternos entram na Igreja levando o andor de N. Sra. do Rosário. Um terno de Moçambique então cantou na porta da igreja.

“ôoo companhia.../ Nossa mãe quando apareceu, apareceu em rocha de pedra / foi sô Vigario buscá nossa mãe, nossa mãe num veio é.../ foi banda de musica buscá nossa mãe, nossa mãe num veio/ Foi congadeiro busca nossa mãe ela não veio / Foi catupezero nossa mãe num veio ée / Foi vilãozero nossa mãe aluiiiuuu / Ôôooo.... mas com moçambiqueiro nossa mãe saiu / Com moçambiqueiro nossa mãe saiu.” (cantiga executada por um grupo de Moçambique ao levar o andor de N. Sra. do Rosário para o interior da Igreja)

Esta passagem faz alusão à aparição de N. Sra. do Rosário aos *homens pretos* ou aos antigos escravos (referida acima como “*nossa mãe*”) neste momento anunciam os demais agentes envolvidos no processo de “*retirar a santa de seu local de aparição*” e da tentativa de “*levá-la até a Igreja*”. Quando fazem alusão à aparição “*da santa*” aos antigos negros, os congadeiros enfatizam que vários “*agrupamentos*” foram tentar buscá-la para levá-la até a Igreja, mas ela apenas teria “*aceitado*” quando um terno de congado a levou, com “*os negro formando lá um grupo com uns tambor, feito por eles mesmo, foram lá batendo caixa e cantando, até que ela (a santa) sensibilizou lá com eles e veio*” (Congadeiro da Festa do Rio das Mortes). Na versão cantada na porta da igreja, o grupo responsável por “*levar a santa*”, teria sido o moçambique, no momento do festejo todos os grupos em procissão conduzem o andor até o interior da igreja, porém, o Moçambique segue logo à frente do andor, sendo o último a tocar no festejo, o que talvez ofereça uma explicação de porquê “*o maracatu*” poderia não ter sido bem visto quando pretendia ser o último grupo a tocar em uma festividade do Rosário, além é claro, de não seguir alguns itinerários necessários aos grupos de congado, e nem de realizar procedimentos durante o contexto festivo, seja de saudação a outro grupo, aos mestros da festa, à entrada em uma igreja ou residência, à coroação de um rei ou rainha conga, etc.

A noção, “*estar no Rosário*”, servia de início tanto para o grupo de congada se referir à própria atuação durante o momento em que estava no festejo, quanto de contraponto para sua atuação a partir das ações do “*grupo de percussão de maracatu*”. Nos momentos posteriores, acompanhando o grupo em outras festas, o terno e o capitão se utilizaram de outros contrapontos para se referirem ao que seria o “*estar no Rosário*”, como por exemplo,

os demais grupos de congado que participavam dos festejos. A atuação, formação e demais características dos ternos anunciadas como relevantes foram, em ocasiões posteriores, constantemente enfatizadas pelo capitão para ilustrar a necessidade de se “*ter fundamento*” para participar do festejo. As cores das indumentárias, a musicalidade do grupo, sua toada, assim como a evolução de seu cortejo, a “*colocação de cantigas*” em momentos específicos, poderiam dizer muito sobre o “*estar no Rosário*” de outro grupo.

Por meio desta noção, o “*estar no rosário*”, é que se pode dizer que os grupos identificavam-se uns aos outros como tendo ou não “*fundamento*”, o que revelaria possíveis vínculos dos ternos seja com seus antepassados, santos católicos e entidades, ocasionando assim, convites para participarem das festas uns dos outros. Saliento que os procedimentos simbólicos rituais efetuados durante o cortejo dos grupos (cantigas e toques específicos, manipulação de objetos, dentre outros) em situações já destacadas (“*saudação entre bandeiras*”, “*saudação no mastro*”, “*entrada em igreja ou casa*”, agradecimento a uma oferta de comida), seriam passíveis de análises por outros grupos e assim, meio pelo qual constituiriam possíveis laços sociais.

Os símbolos rituais manipulados pelos grupos nestes festejos podem ser tomados como anunciando meios pelos quais estes coletivos se compõem. As enunciações simbólicas rituais realizadas por diferentes grupos no contexto da festa anunciam relações que os grupos sustentam com os ancestrais mortos, com santos católicos e entidades do panteão africano. É assim que, levar a sério as considerações dos congadeiros sobre certas comunicações entre grupos e santos (considerando-os atores e não informantes), permitiu elaborar que os vínculos entre diferentes ternos e suas participações nos festejos uns dos outros, remetia à atuação e/ou manipulação simbólica de um grupo em momentos específicos do festejo. O que é normalmente considerado pelos congadeiros como “*o fundamento*” de determinado grupo. “*Fundamento*” seriam “os saberes” de um terno em relação às etapas rituais a serem executadas durante o festejo, o que envolve danças, cantigas, toques musicais, manipulação e preparação de certos objetos, dentre outros, até mesmo a definição segundo as variações do congado seriam anunciadas por estes “*fundamentos*”.

Considerações finais

Assumir a noção “*estar no rosário*” como possibilidade reflexiva ou experimento conceitual, envolvia considerar que saudações, restrições, procedimentos devocionais, dentre outras ações dos ternos durante o festejo, enfatizavam possíveis vínculos destes com ancestrais mortos, entidades do panteão africano e a santos católicos. As relações estabelecidas com demais grupos durante o contexto da festa era mediada assim pelas relações que cada grupo conseguiria manter, através de seus procedimentos simbólicos, com estes não-humanos, possibilitando-os a permanecerem “*firmes no Rosário*”. Para “*estar no rosário*” era necessário seguir uma série de restrições e procedimentos que permitiriam ao congadeiro e ao grupo, não sofrerem infortúnios que poderiam advir durante e após o momento da festa, e ao mesmo tempo, criar laços com outros grupos que também julgavam deter “*fundamentos sobre o festejo*”. A boa atuação de um grupo em relação a seus procedimentos poderia lhe garantir convites de “*ternos com fundamento*”, ocasionando trocas cada vez mais importantes, estendendo sua rede de relação festiva tanto com outros grupos quanto com práticas e uso de objetos rituais de outras festas.

As trocas ocorridas entre os ternos sejam de comidas, de cânticos, de danças, de convites para participarem das festas, são mediadas por uma relação estendida a entidades que convencionalmente são, para nós, parte do mundo “sobrenatural”. Também ocorreram algumas situações onde se trocavam certos “objetos”, como chapéus, “*bastão de capitão*”, Rosários, etc.

A partir de algumas ênfases do capitão de congado, informante central deste trabalho, podemos perceber como ele de certa forma, relaciona o fato do “*grupo do maracatu*” ter se separado ou como ele mesmo dizia “*rachado*”, por este não seguir certos procedimentos necessários para “*estar no rosário*”. Este acontecimento, de separação do grupo de maracatu, era visto pelos congadeiros como refletindo as atuações destes nos festejos do Rosário, pois não realizando alguns procedimentos necessários para “*estarem no Rosário*”, poderiam então, “*sofrer os efeitos do rosário*” (capitão de Congado do Terno de SJDR). Ao menos é isso que podemos considerar caso possamos garantir a estes outros que estudamos um lugar de “*outrens*” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), que constituem associações e vínculos que

constroem um social, distinguindo-os assim, do lugar que normalmente resguardamos aos “outros” dentro de nossa própria cultura.

BIBLIOGRAFIA

BATESON, Gregory. “Experimentos em el pensar sobre material etnológico observado”. In: *Pasos hacia una ecología de la mente*. Buenos Aires: Ed. Lohlé-Lumen, 1998.

BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do Santo Preto*. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: UFG, 1985.

DELEUZE, G & GUATARRI, F. O que é um Conceito? In: *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

DUMONT, Louis. *O Individualismo*. Trad. Álvaro Cabral – Rio de Janeiro: Roço. 1985.

DURKHEIM, É. & MAUSS, M. Algumas Formas Primitivas de classificação (pp.399-455). In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

GOLDMAN, Márcio. “Alteridade e experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica”, In: *Etnográfica*, Vol.X (1): 161-173, 2006.

LATOUR, Bruno. *Changer de société. Refraire de la sociologie*. Paris: Éditions La Découverte, 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo” In: *Mana*, 8(1):113-148, 2002.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify. 2010